

A psicanálise e os novos paradigmas

Regina Herzog

Este artigo pensa o sujeito a partir das questões suscitadas pelos novos paradigmas introduzidos na contemporaneidade. Trabalha com as noções de cena psíquica e acontecimento, que atravessam a obra freudiana.

A emergência, na atualidade, de novos conceitos e novas práticas articulados ao campo científico-filosófico, tais como inteligência artificial, práticas de clonagem, sujeito virtual, objeto complexo, tem suscitado uma transformação no modo de se pensar o sujeito.

Nessa perspectiva, pensadores contemporâneos vêm problematizando a questão propondo as mais variadas noções - fala-se de processos de personalização (Lipovetsky)¹, de agenciamentos coletivos de enunciação (Deleuze e Guattari)², de sujeito do acontecimento (Badiou)³, de práticas de si (Foucault)⁴, entre outros. Contudo, verifica-se que, apesar da diversidade de pontos de vista, estas abordagens partilham uma mesma idéia: a idéia de processo que implica considerar toda produção como inacabada, apontando para a possibilidade de se pensar a criação do novo. Como tal, essas

novas propostas de pensar o sujeito se contrapõem à idéia de um sujeito dado - seja ele determinado biológica ou culturalmente - concepção herdeira, em última instância, do pensamento cartesiano.

O movimento que culminou com estas novas propostas teve seu início no presente século em virtude de uma crise no pensamento que abalou, principalmente, as categorias de sujeito e representação. E Freud foi, sem dúvida, um dos que contribuíram para a desconstrução da idéia de sujeito como uma totalidade fechada ou como algo dado. Assim, a concepção de sujeito dividido que se depreende do discurso psicanalítico vai implicar na postulação de sujeito do inconsciente ou sujeito desejante. Todavia, assistimos na atualidade a

Regina Herzog é psicanalista e professora adjunta do Programa de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica da UFRJ.

um questionamento dos conceitos de que a psicanálise tem se servido para tratar desta questão. Em linhas gerais denuncia-se, na psicanálise, um reducionismo conceitual que, por um lado, substancializaria o inconsciente - através da noção de sujeito do inconsciente, por exemplo - e, por outro, aprisionaria o sujeito nas tramas de um universo simbólico.⁵ Some-se a isto, o fato de que, na prática clínica, o profissional tem se deparado com novas modalidades de padecimento psíquico que colocam em xeque a eficácia de sua atuação.

Mais do que estabelecer uma crítica à crítica da contemporaneidade feita à psicanálise, consideramos pertinente proceder a uma análise crítica interna ao pensamento psicanalítico. Com este propósito, a reflexão deve ser empreendida a partir do que se verifica no seu próprio campo de atuação, visando pensar, com o instrumental conceitual da psicanálise, outras possibilidades de configuração da subjetividade. Mas, sem dúvida, esta reflexão pode ser enriquecida com a contribuição de outros campos do saber na medida em que leve em conta os novos paradigmas introduzidos na contemporaneidade para se pensar o sujeito.

Para abordar esta questão consideramos mais apropriado, em lugar de empreender a discussão tendo como base conceitos já sedimentados - Édipo, Narcisismo e Castração, por exemplo -, tomar duas noções que atravessam o pensamento freudiano acompanhando a complexificação que a prática clínica provocou na elaboração teórica. Trata-se das noções de *cena psíquica e acontecimento*.

Estas noções, ainda que não tenham recebido um estatuto conceitual na metapsicologia viabilizam, em contrapartida, uma análise processual da subjetividade que se mostra compatível com as questões suscitadas pela contemporaneidade. A título de exemplo, pode-

mos indicar que a noção de *acontecimento* se encontra implicada nas diversas construções teóricas da contemporaneidade. Pode-se falar em acontecimento no campo da física⁶ e da filosofia⁷. Quanto à *cena psíquica* - que no pensamento psicanalítico se refere à própria realidade psíquica - na atualidade, esta noção vem sendo tematizada pela neurobiologia⁸ e pelas ciências cognitivas⁹, na tentativa de uma maior compreensão das manifestações psíquicas.

Com essa perspectiva, o pensamento psicanalítico se distingue de toda forma de apreensão que o saber vigente preconizava a respeito da questão do sujeito. Ou seja, por um lado, rompe com o discurso científico que se caracterizava por abstrair o sujeito de seu campo; por outro, com o discurso psicológico que desconsiderava toda manifestação que não se adequasse a um modelo onde razão e consciência fossem equivalentes. Daí podermos dizer que, com a postulação de um

fundamentalmente, pensar o sujeito em sua singularidade.

A configuração proposta por Freud nos permite postular duas ordens (*ordem da mudança* e *ordem do movimento*) como condição de pensabilidade da noção de singularidade do sujeito. Assim, em linhas gerais, podemos identificar, no que diz respeito à constituição do sujeito, a *ordem da mudança*, remetida à própria instauração de um campo pulsional configurando um espaço psíquico; e a *ordem do movimento*, remetida à inserção do sujeito na dimensão histórica. Na medida em que os dois termos - movimento e mudança - estão inseridos na temporalidade, faz-se necessário distinguir estas duas ordens.

É através das categorias de espaço e tempo que podemos proceder a esta distinção visando dar consistência teórica à idéia de sujeito como singular.¹³ Verifica-se que, nas últimas décadas, essas categorias vêm sendo trabalhadas sob uma nova ótica no campo filosófico e

As noções de *cena primária e acontecimento* viabilizam uma análise contemporânea da subjetividade. Elas aparecem também na física, na filosofia, na neurobiologia.

sujeito dividido, a inovação freudiana implicou numa ruptura com as categorias de sujeito e representação que vigoravam no pensamento filosófico em fins do século XIX.¹⁰ A partir desta postulação, Freud vai pensar, num primeiro momento, a questão do funcionamento do aparato psíquico¹¹ passando a problematizar, num segundo momento, a própria constituição deste aparato.¹² Esta trajetória visa,

científico, concebendo-se, para tanto, um processo de diferenciação (ou atualização) no qual tempo e espaço passam a ser entendidos a partir da relação virtual/real. Diversos pensadores, tais como Leibniz, Bergson, Deleuze e Lévy trabalham com esta idéia. Segundo Deleuze, Bergson apresenta uma concepção de puro ser, ser virtual, quando diz que "o ser difere de si mesmo imediatamente, internamente".¹⁴ A di-

A figura da construção se distingue claramente da interpretação: a primeira visa preencher lacunas no plano de representação.

ferenciação, aí, se constitui como o movimento de uma virtualidade que está se efetivando a si mesma. Esta efetivação se configura como uma atualização e implica a idéia de criação. Dizendo de outro modo, “o processo de atualização comporta uma temporalidade interna, variável segundo aquilo que se atualiza...”¹⁵ Através dessa relação e juntamente com as figuras de caos, vazio, acaso e a concepção de totalidade aberta, vai ser fundamentada, pelo pensamento contemporâneo, uma nova forma de se pensar o sujeito.

Nesse sentido, consideramos que o aprofundamento da investigação sobre a relação virtual/real pode vir a valorizar a questão da singularidade do sujeito, uma vez que este passa a ser concebido como um *sujeito a advir* ou *sujeito em permanente devir*. Essa concepção, por sua vez, se contrapõe tanto à idéia de um sujeito biologicamente determinado – através do pressuposto de um id biológico – quanto à idéia de que o sujeito seja simplesmente um efeito de linguagem ou, de outro modo, de que o

sujeito é inteiramente determinado pelo simbólico, tendências que se encontram bastante disseminadas no campo da psicanálise.

Cena psíquica e acontecimento

Antes de indicar de que modo é possível estabelecer esta articulação, cabe marcar, com relação a estas tendências, que é exatamente a partir do que se venha a entender por *cena psíquica* e *acontecimento* que se pode depreender concepções distintas de sujeito. Por exemplo, concebendo o *acontecimento* como uma realidade factual, o sujeito será compreendido como determinado pelo que lhe é externo; em contrapartida, concebendo a *cena psíquica* como um *a priori* – ou seja, como se fôssemos portadores, desde sempre, de um inconsciente – o sujeito será compreendido como determinado por sua herança biológica.

Em ambos os casos nada poderia advir no campo subjetivo, uma vez que o que sustenta estas abordagens é a idéia de sujeito, seja como substância, seja como submetido a uma outra ordem que lhe é externa. Nesse sentido as noções de *cena psíquica* e *acontecimento* se tornam fundamentais com respeito à possibilidade de se pensar um sujeito que não esteja previamente determinado, seja pela linguagem ou pelo biológico, mas que passa a ser concebido como produção de um processo de subjetivação. Nossa intenção é de tentar estabelecer, partindo das noções de *cena psíquica* e *acontecimento*, qual o estatuto deste sujeito a advir tendo como base a temática da virtualidade.

A possibilidade de postular este estatuto para o sujeito, segundo nosso entender, pode ser extraída do próprio texto freudiano, mais especificamente a partir da elaboração empreendida por Freud, a partir de 1920. Esta diz respeito à

problematização da dimensão pulsional para além do campo psíquico.¹⁶ Nesta dimensão o aspecto econômico é posto em relevo visando dar conta, no registro clínico, de uma série de distúrbios psíquicos que questionam a regência do princípio do prazer. Concomitantemente, no registro teórico colocou-se, para Freud, a necessidade de explicitar a inscrição da moção pulsional no aparato psíquico. Questões que, na verdade, já se encontram presentes desde 1914 quando Freud precisa responder aos impasses colocados por Jung.¹⁷ No âmbito clínico, também é possível localizar, no artigo “Recordar, repetir, elaborar”¹⁸, as dificuldades de se sustentar a idéia, até então vigente, de que, na psicanálise, trata-se de ‘tornar consciente o inconsciente’, idéia que pressupõe, em última instância, uma soberania do pensamento.

Mas é um outro texto, desta mesma época, que pode nos ajudar a pensar, a partir das noções de *cena psíquica* e *acontecimento*, tanto estes impasses quanto a inflexão que a construção teórica vai sofrer. Trata-se do caso do “Homem dos Lobos”¹⁹, escrito em 1914 mas que só foi publicado em 1918, posteriormente à problematização dos textos metapsicológicos. Deste texto podemos depreender duas idéias que remetem a um questionamento das noções de cena psíquica e acontecimento.

A primeira idéia diz respeito à introdução, por Freud, da figura da construção, que se distingue claramente da interpretação. Enquanto nesta última trata-se de resignificar os conteúdos inconscientes para permitir seu acesso à consciência, na construção Freud vai propor o preenchimento de lacunas no plano das representações; lacunas que expressam, por parte do analisando, uma resistência. Segundo nosso entendimento, Freud já aponta, aí, para a impossibilidade do sujeito de tudo representar.

A segunda idéia, intimamente vinculada à anterior, refere-se à postulação da fantasia como o que vai dar suporte à ordem do inominável. Nessa perspectiva a fantasia deve ser entendida como uma criação em torno da qual o sujeito reconstrói sua história.

O que é colocado em questão, através da figura da construção e da noção de fantasia é a idéia de uma inconsistência da realidade objetiva para dar conta do trauma psíquico. A partir deste referencial vamos nos deparar com uma ruptura fundamental, promovida por Freud, com respeito à questão do sujeito. Trata-se do rompimento com a própria possibilidade de se pensar o par sujeito/objeto nos moldes tradicionais: ou seja, o modelo que pressupõe, por um lado, um sujeito do pensamento (consciente) e, por outro, uma realidade dada. Assim, questionando tanto a pretensa equivalência entre consciência e psíquico quanto o estatuto de naturalidade do objeto (objetividade), Freud abala a concepção expressa no pensamento representacional de uma possível adequação entre pensamento e realidade. É a partir desta perspectiva que se pode vir a pensar uma outra configuração de sujeito.

Lacan, sem dúvida, vai dar uma grande contribuição a este tema. Procedendo a uma análise sobre o modo como a psicanálise se encontrava difundida nos anos 50, Lacan também coloca em questão tanto a categoria de sujeito quanto a de

objeto. Com relação à primeira efetua uma crítica - a partir da experiência clínica - da noção de intersubjetividade, em seu Seminário sobre a Transferência,²⁰ mostrando que não se trata de uma relação interpessoal e nem mesmo de uma relação de sujeito do inconsciente a outro, mas de uma dissimetria cujo efeito é de produção inconsciente. Com relação à categoria de objeto, sua formalização em torno do *objeto a*²¹ vai permitir a implosão do par sujeito/objeto tal como configurada pelo pensamento da representação.

Contudo, verifica-se também, na atualidade, uma crítica ao pensamento lacaniano que vai no mesmo sentido daquela feita ao pensamento freudiano. Em linhas gerais considera-se que a experiência psicanalítica está circunscrita a um universo que tem como solo cultural a estrutura familiar e que o que sustenta o edifício teórico-clínico é uma lógica fálica cuja condição de possibilidade é dada pela primazia do simbólico. Entre os críticos mais contundentes, podemos citar Foucault, Deleuze e Guattari. Além deles, vamos encontrar outros pensadores, tais como Patrick Guyomard²², Mikkel Borch-Jacobsen²³, que denunciam uma primazia do simbólico no pensamento psicanalítico, mais especificamente, no pensamento lacaniano.

A proposta lacaniana de um retorno a Freud - ainda que seja imperativo dizer que sua contribuição não se restringe a isto - talvez justifique o fato desta crítica se apre-

sentar de modo quase indiscriminado a ambos. Ou seja, tudo indica que a evolução do pensamento de Lacan acompanhou a própria evolução freudiana. Neste sentido, consideramos que, ao propor uma crítica à psicanálise tomando Freud como referência, não significa que estejamos colocando de lado a contribuição de Lacan. Bem ao contrário: é preciso levar em consideração seu pensamento, naquilo que se constitui como inovação e que diz respeito a uma inflexão que ocorreu a partir do final dos anos 60 quando Lacan passa a dar relevo à dimensão do Real. Do mesmo modo, no pensamento freudiano, vai ser a partir do privilégio dado à dimensão econômica da pulsão, que poderemos redimensionar os conceitos psicanalíticos objetivando precisar o estatuto do sujeito a advir.

Feita esta ressalva e dando seguimento ao que foi mencionado acima, vamos indicar, primeiramente, as transformações que as noções de *cena psíquica* e *acontecimento* sofreram ao longo da evolução do pensamento freudiano para, em seguida, propor uma leitura desta noção à luz da relação virtual/atual.

A realidade psíquica

Assim, já no início de sua elaboração,²⁴ Freud vai fazer uso destas duas noções na tentativa de explicitar a etiologia das neuroses. Postulando uma *cena* que teria *acontecido* na infância, Freud estabelece as premissas da racionalidade psicanalítica com relação ao funcionamento psíquico. Nesta perspectiva é colocada em pauta a idéia de uma situação traumática que opera como modelo explicativo do conflito. O trauma, nesta configuração, vai comportar alguns elementos que serão complexificados no desenvolvimento de seu pensamento: a sexualidade, a prematuração da criança em relação à primeira e a idéia de *a posteriori*.

A fantasia deve ser entendida como uma criação, em torno da qual o sujeito reconstrói sua história.

Num primeiro momento, Freud vai dar a estas idéias - *cena* e *acontecimento* - um caráter de factualidade com o objetivo de fundamentar sua concepção de que existem pensamentos aos quais não se tem acesso mas que podem atuar provocando um conflito psíquico. Porém, o mais fundamental nesta articulação refere-se à explicação da causa do traumatismo pela defasagem temporal que vai implicar, por sua vez, a questão da lembrança. Ou seja, num segundo tempo (*a posteriori*), o sujeito é agredido, do interior, por uma lembrança e não por um acontecimento, ainda que esta lembrança provenha de um acontecimento exterior real.

A partir deste modelo seria fora de propósito considerar que Freud está referido a uma factualidade *stricto sensu*, ou seja, não se trata, aí, de valorizar a realidade de uma sedução, mas sim de dar consistência à idéia de trauma psíquico. No entanto, se por um lado este modo de abordar a questão relativiza o caráter factual rompendo, concomitantemente, com uma relação de causa e efeito, por outro, acreditamos que este modelo favorece uma concepção de sujeito quase que inteiramente determinado pelo simbólico uma vez que é neste plano que se estrutura o sujeito.

Uma inflexão fundamental no modo de compreensão da situação traumática - juntamente com o aspecto temporal, implicado na noção de *a posteriori* -, vai permitir a Freud, num segundo momento, problematizar a questão da realidade circunscrevendo com mais propriedade a dinâmica conflitual. Trata-se, como já indicamos, da introdução da noção de realidade psíquica pelo viés da fantasia. Assim, ao descartar a possibilidade de uma verdade *factual*²⁵ - colocando as fantasias originárias como o que vai referendar a cena (infantil) - introduz-se uma outra forma de tratar a questão do acontecimento traumático. E, mais, quando a cena pode

ser tanto a relação sexual dos pais quanto o coito de animais, a realidade da cena vai perder, para o acontecimento, sua força de 'verdade'.

Este deslocamento, promovido por Freud, vai implicar em uma complexificação da teoria decorrente dos impasses clínicos com que se defronta em 1914, entre outros, o próprio caso do "Homem dos Lobos". Neste sentido a utilização de explicações fundadas seja na filogênese, na biologia, ou mesmo na fantasia é um artifício que, em Freud, aponta para um questionamento da supremacia da realidade e da soberania do pensamento. Contudo, neste período, ainda vigora a idéia de um conflito psíquico que se trava entre representações, ou seja, no âmbito do campo psíquico; segundo este modelo, a tarefa do psicanalista é, em última instância, de 'tornar consciente o inconsciente'.

O estabelecimento de um circuito pulsional que configura o aparato psíquico como um aparato de captura da intensidade pura, além de ser um aparato de retardo da descarga, tem seu fundamento na referência à dimensão alteritária e na dimensão da finitude.²⁶ Desse modo, em 1920, a questão é deslocada para um além do domínio psíquico, inserindo-se a necessidade de compreender a dimensão pulsional propriamente dita.

Para apreender a especificidade da realidade psíquica e do acontecimento traumático, a distinção entre lembrança consciente e lembrança inconsciente, colocada desde seus primeiros textos, se mostra de grande utilidade. De forma sumária, podemos dizer que, desde o início, para Freud, a lembrança consciente se caracteriza por estar inserida numa dimensão temporal, conformando uma história, com a ressalva de que nada garante que esta lembrança provém da infância ou se reporta a ela.²⁷ Já o que caracteriza a lembrança inconsciente

Na lembrança
consciente, trata-se
de uma cena; na
inconsciente,
de um acontecimento.

é seu conteúdo sexual a-temporal. Ou seja, esta força da sexualidade, que emana "de uma imagem mnésica", é o que faltava à impressão real.²⁸ É deste modo que Freud entendia o conflito que se apresentava na dinâmica psíquica.

Assim, podemos depreender que, na lembrança consciente, trata-se de uma cena; na inconsciente, de um acontecimento. O acontecimento, como o que não aconteceu tem como propriedade o fato de ser imprevisível, sendo sua marca a condição do trauma; quanto à cena, nada tem a ver com a realidade. O que fica subvertido, nesta perspectiva, é o próprio estatuto do acontecimento que, se reproduzindo como cena, fala de um traço, de uma marca. Problematiza-se, com essa perspectiva, o próprio estatuto da lembrança inconsciente. Podemos falar, tal como nos primeiros textos, de um conflito entre representações, *tout court*? Ou não será preciso, a partir da exigência de dar conta da dimensão pulsional, levar em consideração um outro registro? Dizendo em outras palavras, não se torna necessário com isso interrogar, para redimensioná-lo, o aspecto representacional da lembrança inconsciente

ente uma vez que esta deriva de um plano eminentemente econômico? Afinal, é a partir desta necessidade que Freud vai postular a segunda teoria pulsional, trazendo para o campo de discussão o aspecto intensivo.

Para abordar esta questão propomos considerar o acontecimento como movimento intensivo, puro devir, que vai se atualizar numa cena, tendo sempre presente que estamos falando a partir de uma lógica do *a posteriori*. Nesta dimensão, o acontecimento, enquanto virtual, está referido a um tempo distinto do tempo da consciência e a cena, enquanto atualização, implica uma ligação que se insere numa temporalidade da sucessão, isto é, cronológica. Ou seja, a construção da cena - no caso do "Homem dos

lização desta virtualidade. Cabe a ressalva de que este modo de apresentar a questão pressupõe um processo permanente entre virtual e atual. Segundo essa perspectiva podemos dizer, com relação à constituição do sujeito, ou seja, à instauração de um circuito pulsional, que a pulsão é da ordem da virtualidade que se atualiza, com o recalque originário, como realidade psíquica. Na mesma medida, o inconsciente, por sua vez, é uma virtualidade que se atualiza nas formações inconscientes. Com isto é possível recolocar a questão do sujeito sob novos parâmetros. Ou seja, neste movimento de atualizações ou diferenciações produz-se, incessantemente, um sujeito, idéia que difere, cabalmente, da concepção de um sujeito já dado ou de um sujeito res-

A pulsão é virtualidade que,
com o recalque originário, se atualiza
como realidade psíquica; já o inconsciente
é uma virtualidade que se atualiza
nas formações inconscientes.

Lobos", por exemplo - propicia a marcação de um território (realidade psíquica) a partir do qual se desdobra, se desenrola sua história.

Utilizando as figuras propostas pelos novos paradigmas introduzidos no pensamento contemporâneo podemos falar, aqui, de um processo de diferenciação ou de atualização onde o *acontecimento* é da ordem da virtualidade e a *cena psíquica* se configura como uma atua-

trito à determinação simbólica. Esta leitura, por outro lado, confirma a proposta freudiana expressa em 1923: "onde o *isso* estava, o sujeito deve advir"²⁹. Nesta expressão podemos dizer que o *isso* se configura como uma virtualidade que se atualiza num sujeito. Concepção que permite repensar as estruturas clínicas com o sentido de ampliar a possibilidade da escuta psicanalítica. ■

NOTAS

1. G. Lipovetsky, *L'ère du vide*, Paris, Gallimard, 1983, etc.
2. G. Deleuze & F. Guattari, *Mille plateaux*. Paris, Ed. Minuit, 1980.
3. A. Badiou, *Théorie du sujet*. Paris, Seuil, 1982.
4. M. Foucault, *Histoire de la sexualité III. Le souci de soi*. Paris, Gallimard, 1984.
5. A este respeito cf. M. Foucault, *Histoire de la sexualité III. Le souci de soi*, Paris, Gallimard, 1984; G. Deleuze & F. Guattari, *L'Anti-Oedipe*, Paris, Ed. Minuit, 1972 entre outros.
6. Entre outros, cf. L. A. Oliveira, "Por um novo materialismo" in M. Tavares d'Amaral (org.), *Contemporaneidade e novas tecnologias*, Rio de Janeiro, Sette Letras, 1996; I. Prigogine & I. Stengers, *La nouvelle alliance*, Paris, Gallimard, 1986; I. Prigogine, *O nascimento do tempo*, Lisboa, Ed. 70, 1990; M. Novello, *Cosmos e contexto*, Rio de Janeiro, Forense-Universitária, 1988.
7. G. Deleuze, *Différence et Répétition*, Paris, PUF, 1968; G. Deleuze & F. Guattari, *Qu'est-ce que la philosophie*, Paris, Ed. Minuit, 1991; A. Badiou, *L'Être et l'évènement*, Paris, Seuil, 1988.
8. G. Edelman, *Biologie de la conscience*, Paris, Odile Jacob, 1992.
9. F. Varela, *Connaître: les sciences cognitives, tendances et perspectives*, Paris, Seuil, 1989; D. Dennett, *Consciousness explained*, Boston, Little, Brown and Company, 1991.
10. R. Herzog, "A noção de singularidade do sujeito a partir da teoria freudiana". Tese de Doutorado, PUC-RJ, 1992.
11. S. Freud, *L'Interprétation des rêves* (1900) Paris, PUF, 1967.
12. S. Freud, "Au-delà du principe de plaisir" (1920) in *Essais de psychanalyse*, Paris, Payot, 1981.
13. R. Herzog, "A questão do espaço e tempo na teoria freudiana", projeto de recém-doutor financiado pelo CNPq, junho de 1993 a maio de 1996.
14. G. Deleuze, *Le bergsonisme*. Paris, PUF, 1966.
15. G. Deleuze, "Como se pode reconhecer o estruturalismo", in F. Chatélet (org), *História da Filosofia - O século XX*, Rio de Janeiro, Zahar, 1982.
16. S. Freud, "Au-delà du principe de plaisir" (1920) in *Essais de psychanalyse*, Paris, Payot, 1981.
17. S. Freud, "Pour introduire le narcissisme" (1914) in *La vie sexuelle*, Paris, PUF, 1989.
18. S. Freud, "Remémoration, répétition et perlaboration" (1914) in *La technique psychanalytique*, Paris, PUF, 1989.
19. S. Freud, "A partir de l'histoire d'une névrose infantile" (1914/1918) in *Oeuvres Complètes - Psychanalyse*, vol. XIII, 1914-1915. Paris, PUF, 1988.
20. J. Lacan, *Le Séminaire de Jacques Lacan. Livre VIII: Le transfert* (1960-1961), Paris, Seuil, 1991.
21. J. Lacan, *L'Angoisse. Séminaire 1962-63*, Paris, mimeo.
22. P. Guyonard, *La jouissance du tragique*, Paris, Aubier, 1992.
23. M. Borch-Jacobsen, *Le lien affectif*, Paris, Aubier, 1991.
24. S. Freud, *Etudes sur l'hystérie* (1895), Paris, PUF, 1990.
25. S. Freud, "Histoire d'une névrose infantile" (1914/1918) in *Oeuvres Complètes - Psychanalyse*, vol. XIII, 1914-1915. Paris, PUF, 1988.
26. S. Freud, "Pour introduire le narcissisme" (1914) in *La vie sexuelle*, Paris, PUF, 1989.
27. S. Freud, "Des souvenirs-couverture" (1899) in *Oeuvres Complètes - Psychanalyse*, vol. III, 1894-1899, Paris, PUF, 1989.
28. S. Freud, "Sur l'étiologie de l'hystérie" (1896) in *Oeuvres Complètes - Psychanalyse*, vol. III, 1894-1899, Paris, PUF, 1989.
29. S. Freud, "Le moi et le ça" (1923) in *Essais de psychanalyse*, Paris, Payot, 1981.